

Tendências das teorias da Comunicação: mapeamento de campos teóricos contemporâneos¹

Trends of Communication theories: Mapping contemporary theoretical fields

Vera Veiga França

veravfranca@yahoo.com.br

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Suzana Cunha Lopes

suzanaclopes@yahoo.com.br

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ana Karina de Carvalho Oliveira

anakarina.akco@gmail.com

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Laura Antônio Lima

lauraantoniolima@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Resumo

Este artigo apresenta os primeiros passos de uma pesquisa integrada que tem como objetivo mapear os campos teóricos que sustentam as pesquisas contemporâneas da área de Comunicação. Para isso, propõe-se a análise articulada da institucionalização e da produção acadêmica da área para identificar os autores e conceitos/temas mais utilizados pelos pesquisadores. Neste texto, explicitamos a metodologia do enfoque do projeto executado pela UFMG e os resultados levantados em estudo-piloto da área temática de Comunicação e Política. Nesse primeiro momento, já foi possível perceber um campo teórico que se desdobra a partir da herança da Escola de Frankfurt e de conceitos como os de “democracia”, “representação”, “deliberação” e “reconhecimento”, abordando, sobretudo, temas relacionados a eleições e Internet.

Palavras-chave: teorias da Comunicação, epistemologia da Comunicação, Comunicação e Política.

Abstract

This article presents the first steps of an integrated research that aims to map the theoretical fields that sustain contemporary research in the area of Communication. For this purpose, it proposes the articulated analysis of the institutionalization and the academic production in the area to identify the authors and concepts/themes most used by researchers. In this paper, we underline the methodology of the approach implemented by UFMG and the results raised in a pilot study of the area of Communication and Politics. At this first moment, it was already possible to realize a theoretical field around the Frankfurt School and key concepts such as “democracy”, “representation”, “deliberation” and “recognition”, covering mainly issues related to elections and the Internet.

Keywords: Communication theories, epistemology of Communication, Communication and Politics.

1 Introdução

Até quase o final do século XX, pelo menos no Brasil, o panorama dos estudos comunicacionais (o consenso quanto aos fundamentos teóricos da área) era bastante frágil. Havia certa concordância quanto ao caráter inaugural dos estudos funcionalistas americanos (*Mass Communication*

Research), a partir dos anos 1930-1940, e o contrapondo estabelecido pela Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), configurando a dicotomia “apocalípticos e integrados”, na fórmula consagrada de Umberto Eco (2008). Para além disso, o quadro das teorias era disperso, e os programas das disciplinas de Teorias da Comunicação nos cursos de graduação em Comunicação no país se abriam para tendências diversas, de acordo com as afinidades e investimentos de cada professor(a).

Avançamos nas últimas décadas (sobretudo a partir dos anos 1990), e inúmeros livros e manuais de Teorias da Comunicação (Moragas Spa, 1981; Mattelart & Mattelart, 1999; Hohlfeld *et al.*, 2001; Wolf, 2003;

¹ Este texto integra um esforço de pesquisa colaborativa entre a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal do Pará, para o mapeamento dos autores e das teorias mobilizados atualmente na área de Comunicação. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada e discutida no VII Seminário Teorias da Comunicação, que aconteceu na Universidade Federal do Pará, de 27 a 29 de abril de 2016.

Martino, L. M. S., 2009; França & Simões, 2016) apresentam um elenco de escolas, autores e teorias bastante similar, configurando o que já podemos chamar de uma “tradição” da área, ou de nossos fundamentos. Porém, o panorama das teorias alinhavadas não ultrapassa muito os anos 1980. Hoje, no século XXI, o quadro teórico que conforma nossos estudos é difícil de ser apreendido e sistematizado. A dificuldade é compreensível, pois olhar o passado nos permite identificar permanências, configurações já cristalizadas; o presente, ao contrário, é sempre embalado pelo movimento, pela mistura, pelo modismo.

Alguns(as) pesquisadores(as) no Brasil têm feito tentativas de identificar a bibliografia citada em teses e dissertações, o índice de citação alcançado por autores e textos (Martino, L. M. S., 2014; Martino, L. C., 2010; Braga, 2010; Navarro, 2007). Essa identificação é um primeiro passo, porém não chega a configurar o mapa teórico mais abrangente que fundamenta a pesquisa atual da área.

Nesse contexto, em 2015, iniciamos um investimento de pesquisa integrada² a partir de inquietações comuns em nossos estudos e práticas no ensino de Teorias da Comunicação. Nossa proposta se debruça sobre essa tarefa árdua de um mapeamento epistemológico da área – sabendo, embora, da impossibilidade de traçar um quadro mais completo e definitivo, e buscando tão somente indicadores de seu traçado.

Nossa grande pergunta orientadora é: “Quais os campos teóricos que sustentam as pesquisas atualmente desenvolvidas na área de Comunicação?”. As entradas possíveis para delinear esse mapeamento são múltiplas e entrelaçadas; decidimos iniciar o percurso analisando o processo de institucionalização da área em articulação com um levantamento bibliométrico da produção acadêmica em Comunicação, com o objetivo de identificar autores e conceitos/temas mais utilizados.

Neste artigo, apresentaremos as etapas iniciais desse investimento mais amplo, explicitando a metodologia desenvolvida no projeto executado pelo grupo da UFMG³ e os resultados iniciais já sistematizados do estudo-piloto realizado no âmbito de uma área temática, a saber: Comunicação e Política⁴. Acreditamos que essa proposta, agregando-se a outras que vão no mesmo sentido, traz

2 O projeto será desenvolvido ao longo de quatro anos; iniciou em 2015, ainda de forma embrionária, e tem seu término previsto para o final de 2019, em uma parceria entre professoras da UFMG e da UFPA. Já foi submetido a agências de fomento (aguardando avaliação) e recebe financiamento da UFMG e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais com bolsas de iniciação científica.

3 No caso da equipe da UFPA, o enfoque do mapeamento é sobre a trajetória e a contribuição teórica dos pesquisadores produtividade em pesquisa do CNPq. A proposta é que os dois enfoques sejam desenvolvidos em paralelo e com colaboração mútua para o cruzamento dos dados nas análises futuras.

4 O detalhamento dessas escolhas metodológicas será feito ao longo do artigo.

contribuições para a epistemologia da área e para a formação dos(as) pesquisadores(as) em Comunicação.

2 Caminhos e escolhas da pesquisa

O mapeamento proposto, sobretudo a análise bibliométrica, encontra entraves de várias naturezas. Uma delas diz respeito ao cipoal, à diversidade e à extensão das fontes teóricas disponíveis. A produção em Comunicação hoje é de tal monta que a proposta de uma sistematização se torna não apenas uma tarefa hercúlea, mas quase impossível. Dentro da imensa bibliografia produzida na área, a tarefa que se coloca em seguida é, então, encontrar algum critério para selecionar um *corpus* que se mostre ao mesmo tempo limitado e significativo.

Paralelamente, e mesmo trabalhando com um conjunto menor de referências, outro desafio é identificar, para além dos textos e estudos, os contornos de campos teóricos delimitados, ou seja: extrair da bibliografia recortada aqueles autores e obras que trazem uma inovação (ou pelo menos uma apropriação original de fontes anteriores) e se constituem em referências para os demais pesquisadores. Eventualmente, poderemos constatar que as mesmas velhas escolas permanecem dando as bases da reflexão teórica no campo. A tarefa a ser empreendida implica identificar conceitos e ideias que, mais do que apenas citados, orientam leituras e formatam análises (embora não seja nosso objetivo, ao menos neste momento, analisar o tipo de uso/interpretação de tais referências).

Temos consciência desses desafios e também dos limites que nossas escolhas impõem. Não esperamos chegar a resultados definitivos; nossa pretensão é alcançar a construção de um primeiro esboço, que seja ponto de partida para aperfeiçoamentos futuros. Encaramos o projeto como um exercício inicial de identificação e sistematização das referências teóricas mais atuantes na pesquisa contemporânea em Comunicação, tanto do ponto de vista científico quanto institucional, por entendermos que são dimensões articuladas do processo de produção de conhecimento (Malcher *et al.*, 2015; Martino, L. M. S., 2014; Braga, 2011).

Numa primeira fase de estudo, voltaremos nosso olhar para a realidade brasileira. Posteriormente, e a partir do embasamento e diretrizes fornecidos pelo mapeamento das pesquisas nacionais, temos a intenção de incursionar em uma leitura mais ampla do quadro internacional da área em suas tendências mais evidentes⁵.

Para organizar o percurso da pesquisa e viabilizá-la em termos práticos, nossa tarefa inicial consistiu em apreen-

5 Nessa segunda fase, a incursão será ainda mais modesta: identificando (no levantamento do quadro nacional) quais autores estrangeiros são nossas maiores referências, buscaremos, na sequência, mapear suas inserções e respectivos quadros teóricos.

der a divisão interna do campo comunicacional: a área é extensa e diversificada e contém inúmeras subáreas. Nosso ponto de partida, então, foi a decisão de que trabalharíamos a partir dessas subáreas, ou áreas temáticas, para, dentro de cada uma, buscar identificar os alicerces teóricos acionados.

Também essa divisão, contudo, não é clara nem consensual (vide dificuldade, no próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, de apresentar um conjunto de subáreas no qual a comunidade se reconheça). De toda forma, era preciso fazer uma escolha inicial e melhorá-la ao longo do caminho. Nossa decisão foi tomar como referência, inicialmente, a divisão de GTs do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁶. Sabemos que não é uma classificação definitiva, que é incompleta e, inclusive, sofre uma revisão a cada quatro anos, no sentido de manter a correspondência com as linhas de pesquisa e as escolhas feitas pelos Programas de Pós-Graduação (assim é que, ao longo desse período, alguns GTs desapareceram, outros foram criados). Mas é justamente o fato de abrigar Programas de Pós-Graduação, e ser resultado da indicação dos próprios Programas, que confere aos encontros da Compós uma forte proximidade com a pesquisa da área. A alteração de GTs ao longo do tempo reflete, em grande medida, o próprio movimento e as tendências das pesquisas desenvolvidas em nosso país.

Para tornar mais viável o levantamento, fizemos um recorte de 10 anos de produção, compreendendo os anos de 2006 a 2015. Os GTs que funcionaram nesse período serão tomados como referência, no sentido de mapear sua duração e/ou transformação ao longo dos anos, permitindo-nos investigar se eles se configuram como área temática⁷ ou constituem desdobramentos específicos e ocasionais de um campo mais amplo. Nosso investimento, assim, será paulatino; uma área temática de cada vez, o que nos permitirá ir testando as fronteiras e a solidez de cada uma.

Nesta fase nacional do mapeamento, após a decisão de trabalharmos por áreas temáticas, nossa metodologia configurou-se a partir de uma dupla entrada: (1) investigar a institucionalização da área temática e (2) levantar

a bibliografia acionada nos trabalhos publicados nos GTs da Compós. Dentro dessas duas entradas, buscaremos um terceiro eixo, que são os núcleos temáticos⁸ – temas e conceitos que configuram a geografia de cada subárea (ou área temática) da Comunicação.

A partir dessas entradas, delineamos, então, três indicadores: (1) os elementos e episódios que configuram o processo de institucionalização da área temática; (2) os autores de referência; e (3) os respectivos quadros temáticos e conceituais. Mesmo que não seja possível falar em “escolas”⁹ (pois é preciso tempo para que elas se cristalizem), almejamos identificar referências fortes, conjuntos de ideias que funcionam como ordenadores de leituras e análises. Explicitaremos como cada um desses indicadores é identificado e analisado.

2.1 Institucionalização da área temática

No esforço de delinear em quais subáreas se organizam os estudos de Comunicação no Brasil hoje, uma primeira etapa do trabalho é a averiguação do grau de institucionalização das áreas temáticas representadas pelos GTs da Compós. A institucionalização de uma área de pesquisa é um dos fatores importantes para a constituição de um campo de estudos. No caso da Comunicação, a dimensão institucional foi uma das principais vias para o fortalecimento de um lugar próprio nas universidades, institutos de pesquisa e agências de fomento. Ainda que não possamos reduzir o processo de constituição de uma área acadêmica ao seu nível de institucionalização, este é, sem dúvida, um aspecto relevante para o crescimento e consolidação da área (Malcher *et al.*, 2015; Martino, L. M. S., 2014; Braga, 2011).

Nessa perspectiva, ao realizarmos um mapeamento da área hoje, essa dimensão institucional dá a ver elementos de base para compreendermos de maneira articulada e conjuntural a dinâmica de composição dos campos teóricos e núcleos temáticos. Assim, no âmbito do projeto, buscaremos o “grau de institucionalização” das subáreas a

6 A Compós foi criada em 1991 e realizou, em 2016, o seu 25º Encontro Anual. Atualmente, possui 17 GTs ativos: Comunicação e cibercultura; Comunicação e cidadania; Comunicação e cultura; Comunicação e experiência estética; Comunicação e política; Comunicação e sociabilidade; Consumos e processos de comunicação; Cultura das mídias; Epistemologia da comunicação; Estudos de cinema, fotografia e audiovisual; Estudos de jornalismo; Estudos de som e música; Estudos de televisão; Imagem e imaginários midiáticos; Memória nas mídias; Práticas interacionais e linguagens na comunicação; Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos (www.compos.org.br).

7 É importante esclarecer que, ao nos referirmos aos GTs como áreas temáticas, não compreendemos que se constituem apenas pela especificidade nos assuntos ou conteúdos temáticos abordados, mas sobretudo pelas perspectivas teóricas que orientam e se constroem ao longo dos debates no grupo.

8 Aqui duas observações se fazem necessárias. A denominação “núcleo temático” recobre tanto temas específicos (por exemplo, o jornalismo, a televisão) como perspectivas ou formas de abordagem dos processos comunicacionais (abordagem política, o viés cultural ou da sociabilidade, etc.). Esses dois “recortes” se entrecruzam, tanto nos GTs da Compós como nas Linhas de Pesquisa dos PPGs, de tal maneira que, nos GTs da Compós, por exemplo, encontramos, por vezes, textos que abordam a mesma temática (digamos, a internet) inscritos em GTs diferentes (GT de Comunicação e Política, de Estudos do Jornalismo). Nosso interesse é o mapeamento das bases teóricas de nosso campo – trata-se, a rigor, menos de temas propriamente ditos que dos enfoques que lhes são dados. Neste momento não é possível separá-los; nossa aposta é alcançar esta distinção ao final de nosso estudo. A segunda observação é que este terceiro eixo será buscado paralelamente no levantamento da institucionalização da área e nos GTs da Compós; nossa hipótese é que esses dois terrenos se somam e se entrecruzam.

9 Quando falamos em “escola”, queremos dizer “escola de pensamento”.

partir do levantamento de quatro aspectos: (1) a existência de linhas de pesquisa em Programas de Pós-Graduação que tratem da temática; (2) a existência de associação(ões) científica(s) de pesquisadores; (3) a existência de grupos de pesquisa/trabalho nos grandes eventos científicos de Comunicação; (4) a existência de grupos de pesquisa certificados pelo CNPq¹⁰.

Para a busca pelas linhas de pesquisa em Programas de Pós-Graduação (PPG) em Comunicação, montamos uma base de dados sobre a pós-graduação no Brasil a partir de dados coletados no site da CAPES, bem como nos sites dos próprios programas. Assim, em cada área temática a ser explorada por nossa pesquisa, buscaremos quais PPGs possuem área de concentração e/ou linhas de pesquisa voltadas para a área temática estudada e quais pesquisadores atuam nesses espaços.

Para o levantamento das associações científicas teremos como ponto de partida o site da SOCICOM, que reúne a maioria das associações científicas de Comunicação no Brasil, agregando outras que não estão associadas, e que consigamos identificar¹¹. Para dados complementares, consultaremos os sites das próprias associações a fim de delinear o escopo temático das associações e os pesquisadores que as lideram.

Para investigarmos a existência de grupos de pesquisa/trabalho em eventos científicos, tomamos como referência os dois eventos de Comunicação mais abrangentes do país: o Encontro Anual da Compós e o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O levantamento será feito, então, nos sites das associações para identificar os temas mais abordados no âmbito dos grupos a partir do registro de palavras-chave de seus nomes e das respectivas ementas¹². Também mapearemos os pesquisadores que atuam como líderes dos grupos.

Por fim, os grupos de pesquisa certificados pelo CNPq serão levantados no site da agência, que oferece um siste-

ma de busca¹³ e a possibilidade de exportação do resultado para uma planilha, a partir da qual podemos selecionar os grupos relacionados à temática pesquisada.

O levantamento e processamento dos dados relativos aos quatro aspectos que elegemos como indicadores de institucionalização de cada área temática (conforme descritos acima) nos permitirão identificar os principais temas e conceitos enfocados (que iremos correlacionar com aqueles trabalhados nos GTs correspondentes), os pesquisadores que circulam e colocam em circulação as subáreas, bem como sua localização/distribuição geográfica. Além disso, ao registrarmos os anos de criação dos grupos de pesquisa, dos grupos de trabalho em eventos e das associações, esperamos poder observar historicamente a conformação de cada subárea.

2.2 Bibliografia de referência

Essa fase, que chamamos de levantamento bibliométrico, trata do mapeamento e classificação da referência bibliográfica dos artigos apresentados no âmbito dos GTs da Compós no período analisado (2006-2015) – o que compreende, em princípio, um conjunto de 100 textos por GT (em cada Encontro Anual são apresentados no máximo 10 textos). Nosso objetivo, inicialmente, é identificar os autores mais citados por GT; e, posteriormente, delinear o quadro conceitual dentro do qual eles atuam.

A primeira etapa do trabalho consiste no levantamento, organização e primeiros cruzamentos dos dados de cada GT. Os textos serão extraídos dos Anais dos eventos, disponíveis no site da Compós¹⁴, e, a partir deles, serão levantados dados como: Nome do GT; Ano e local do Encontro; Título do trabalho; Autores do trabalho e respectiva(s) instituição(ões); Nome e nacionalidade dos autores citados (observando se trata-se de autocitação¹⁵); Título das obras citadas; Palavras-chave elencadas pelo/a(s) autor(es/as) do trabalho.

Esse banco de dados, com o levantamento dos autores citados nos trabalhos, nos permitirá uma dupla identificação: (1) lista dos autores citados; 2) lista das respectivas obras referenciadas. O conjunto nos possibilitará destacar, entre outros aspectos: quantos autores diferentes são referenciados no GT; qual a frequência de citação de cada autor; quantos autores referenciados são brasileiros e quantos são estrangeiros; quantos autores referenciados são membros do GT; quais as obras mais citadas.

Esperamos que esse caminho nos permita construir um panorama geral dos principais autores citados em cada GT durante os dez anos analisados; verificar as principais

10 Uma dificuldade que enfrentamos neste aspecto é a diferenciação de denominações encontradas tanto nas Linhas de Pesquisa dos Programas como dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq, de tal maneira que sua inserção numa subárea específica não é evidente. Por exemplo, um grupo de pesquisa que se chama EME – Mídia e Espaço Público, apenas pelo nome, dá pistas, mas não traduz imediatamente o seu campo temático e conceitual. A ementa e linhas de pesquisa do grupo, e a produção acadêmica da coordenadora (no caso, profa. Rousiley Maia, da UFMG) nos permitirão inserir o grupo na subárea Comunicação e Política. Além disso, o mapeamento dos núcleos temáticos e dos autores que apresentam no GT da Compós fornecerá outras pistas para encontrar os grupos que trabalham na área temática. Mas este é um procedimento lento, que esperamos conseguir aperfeiçoar, inclusive, cruzando com os levantamentos sobre os pesquisadores PQs que a UFPA está desenvolvendo.

11 Não temos aqui um outro critério de busca; será através de nosso conhecimento empírico, ou por meio dos Currículos Lattes dos pesquisadores da subárea.

12 Pretendemos aperfeiçoar esse processo a partir do uso de softwares de análise qualitativa.

13 Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>.

14 <http://www.compos.org.br/anais_encontros.php>.

15 No processamento dos dados, excluímos as ocorrências em que o próprio autor do artigo é o autor da referência.

obras convocadas e a recorrência de autores durante esses anos; traçar um perfil dos produtores de conhecimento que, ao mesmo tempo, são membros do GT e são referenciados entre si e por outros autores que publicam no grupo.

2.3 Temas e conceitos

Entendemos que temas e conceitos são eixos nucleadores de cada área; marcam como ela é vista, quais ênfases são privilegiadas. Esses núcleos tanto espelham o quadro teórico dos autores estudados como também explicam por que a preferência por tais autores. Para encontrar esses núcleos, catalogamos as palavras-chave que nucleiam linhas e grupos de pesquisa, bem como aquelas que são destacadas pelos autores nos textos apresentados nos GTs da Compós.

O método de trabalho – separado pelos grupos de dados (institucional e bibliografia de referência) – se dá, resumidamente, da seguinte forma: contagem da frequência das palavras-chave; eliminação de termos genéricos, que apenas repetem a temática central da área (por exemplo: comunicação); agrupamento de termos similares; *ranking* das que aparecem, no mínimo, três vezes¹⁶. A relação final é, então, classificada em três grupos para análise: temas, conceitos e meios¹⁷.

É importante apontar que, até aqui, nos deparamos com diversos obstáculos impostos pela falta de experiência e recursos específicos para a realização de pesquisas com grandes bancos de dados, o que não é muito comum em nossa área. Para o primeiro estudo exploratório que fizemos nesta fase, foi preciso contar com o auxílio de terceiros na execução do processamento dos dados, feito por meio do programa SPSS. Ainda assim, como não dominamos a linguagem e o funcionamento de programas deste tipo, esbarramos na própria concepção do banco de dados, nas possibilidades de cruzamentos, etc. Isso, no entanto, não nos desanima, mas, sim, nos sinaliza a necessidade/opportunidade de qualificação específica e de intercâmbio com áreas mais experientes nesse tipo de trabalho, como as Ciências Sociais.

3 Estudo-piloto

Tomando como base a metodologia explicitada, começamos a investigação pelo estudo-piloto de uma subárea

temática que, pela nossa experiência na área, nos parece uma das mais bem demarcadas em termos institucionais e teóricos – a de Comunicação e Política. A seguir, apresentamos alguns resultados desse estudo.

3.1 Institucionalização da área temática

Entre os resultados preliminares, pudemos observar, no primeiro eixo de análise, uma subárea bem institucionalizada: são 11 linhas de pesquisa, distribuídas em 10 universidades, o que significa 22,2% do total de 45 programas de Comunicação registrados até o momento da coleta¹⁸.

Identificamos, também, três associações: a Sociedade Brasileira dos Profissionais e Pesquisadores de Comunicação e Marketing Político (Politicom); a União Latina da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC Brasil); e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compólita).

Quanto à presença da subárea nos dois maiores eventos da Comunicação (Intercom e Compós), notamos dois Grupos de Pesquisa (GPs) na Intercom – GP Políticas e Estratégias da Comunicação e GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura – e um Grupo de Trabalho (GT) na Compós – GT Comunicação e Política. Este último, inclusive, foi criado já no início da Associação e dos Encontros Anuais, no começo da década de 1990, e se mantém como espaço estabelecido de discussões. Os GPs da Intercom, por sua vez, são mais recentes (anos 2000), mas também têm demarcado seus espaços e especificidades.

Em relação aos 644 grupos de pesquisa ativos da área de Comunicação registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq¹⁹, 41 grupos (6,4%) relacionados à subárea de Comunicação e Política foram encontrados (inicialmente, pelo título ou por uma linha de pesquisa em específico e, posteriormente, pelo cruzamento com os dados de autores e palavras-chave do levantamento bibliométrico). Os grupos relacionados são diferentes entre si; apesar de existirem grupos com uma trajetória mais consolidada, quase a metade foi criada nos últimos 10 anos. Na Figura 1, apresentamos um mapa da localização dos PPGs e grupos de pesquisa do CNPq que integram essa subárea de Comunicação e Política.

16 Ressaltamos que essa frequência mínima foi escolhida observando as palavras-chave da área temática comunicação e política; a análise da segunda subárea talvez indique a necessidade de rever o critério de acordo com o número de palavras-chave disponíveis e suas frequências.

17 Criamos a categoria “meios” para diferenciar as palavras-chave que se referem aos veículos, linguagens e materialidades estudadas das palavras-chave que dizem respeito a temas e conceitos.

18 Os dados institucionais foram coletados no primeiro semestre de 2015.

19 A busca foi realizada no endereço <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>, no dia 02 de outubro de 2015.

Figura 1. Distribuição geográfica dos PPGs e GPs que integram a subárea de Comunicação e Política

Figure 1. Geographical distribution of Graduate Studies Programs and Research Groups that are part of the sub-area of Communication and Politics



Fonte: Dados coletados e sistematizados na pesquisa.

Source: Data collected and systematized in the research project.

Geograficamente, podemos dizer que os estudos da área temática se concentram principalmente nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul (que é onde também se concentram os Programas). Do ponto de vista histórico, percebemos que a institucionalização da subárea de Comunicação

e Política revela uma dupla face: a primeira indica a tradição e enraizamento de um ambiente temático demarcado, apesar de heterogêneo, que esteve presente e se confundiu com a expansão da Comunicação como área acadêmica no Brasil, a partir da década de 1990. A segunda face mostra uma subárea também ascendente e atualizada, permanentemente renovada pela criação de novos espaços de discussão e institucionalização de seus estudos. Ou seja, tanto é antiga (tradicional) como sofre significativa expansão e crescimento.

3.2 Bibliografia de referência

Nesse segundo eixo de pesquisa, identificamos todos os autores citados como referências bibliográficas nos 99 trabalhos apresentados na Compós de 2006 a 2015²⁰. Esses trabalhos, no período dos dez anos analisados, foram apresentados por 63 pesquisadores e utilizaram 1.291 referências diferentes. Utilizamos como parâmetro de “mais citados” as referências que se repetem três ou mais vezes; no caso deste estudo, elas foram contabilizadas em 143 autores.

Dentre os autores mais citados (referenciados três ou mais vezes), 19 já publicaram artigos no GT (sendo que 15 estão entre os 60 mais referenciados; dez entre os 30 mais referenciados; quatro entre os dez mais referenciados). Tais números revelam uma dinâmica de leitura interna ao GT: os pesquisadores participantes da Compós são lidos pelos pares e citados, servindo de endosso ou crítica às abordagens escolhidas. No Quadro 1, apresentamos os 10 autores mais referenciados:

Quadro 1. Dez autores mais referenciados nos trabalhos do GT Comunicação e Política da Compós (2006-2015)

Table 1. Ten most referenced authors in papers of the Working Group on Communication and Politics of Compós (2006-2015)

Nº	Nome	Frequência das referências	Nacional	Instituição dos autores brasileiros	Autor brasileiro membro do GT
1	GOMES, Wilson	50	Sim	UFBA	Sim
2	MIGUEL, Luis Felipe	48	Sim	UnB	Sim
3	HABERMAS, Jürgen	31	Não	-	-
4	MAIA, Rousiley	29	Sim	UFMG	Sim
5	BOURDIEU, Pierre	19	Não	-	-
6	PORTO, Mauro	19	Sim	Tulane University	Não
7	HALLIN, Daniel C.	17	Não	-	-
8	NORRIS, Pippa	17	Não	-	-
9	YOUNG, Iris	17	Não	-	-
10	ALBUQUERQUE, Afonso de	15	Sim	UFF	Sim

Fonte: Dados coletados e sistematizados na pesquisa.

Source: Data collected and systematized in the research project.

²⁰ Em cada ano do período de análise (2006-2015) foram apresentados dez trabalhos no GT, exceto no ano de 2010, em que foram apresentados nove artigos.

Dentre os dez autores mais referenciados, destacamos que quatro (brasileiros) são participantes do GT²¹: Wilson Gomes (UFBA), Luis Felipe Miguel (UNB), Rousiley Maia (UFMG) e Afonso de Albuquerque (UFF)²². Olhando para os trabalhos que apresentaram no GT, esses quatro pesquisadores utilizam referências predominantemente internacionais e diferentes entre si, o que pode sugerir diferenças em suas pesquisas e pouco diálogo teórico entre eles.

Quando comparamos os principais autores brasileiros referenciados com os pesquisadores que lideram os espaços políticos de discussão teórica, o quadro é um pouco diferente. No mapeamento institucional realizado, observamos outros nomes que se destacam na coordenação de lugares institucionais, e inclusive repetindo-se em mais de um local utilizado como indicador nesta pesquisa, tais como coordenador de grupo de pesquisa, líder de associação, participante de linha de pesquisa em programas de pós-graduação (ver Quadro 2).

Quadro 2. Pesquisadores que integram e/ou são líderes de mais de um espaço institucional da subárea de Comunicação e Política

Table 2. Researchers who are part and / or are leaders of more than one institutional space of the subarea of Communication and Politics

Nº	Pesquisador	Instituição	Número de vezes que aparece no levantamento institucional
1	César Ricardo Siqueira Bolaño	UFSE	3 (2 LP, 1 GP)
2	Elen Cristina Galdes	UnB	3 (1 LP, 1 GP, 1 GT)
3	Francisco Paulo Jamil Almeida Marques	UFC ²³	2 (1 GP, 1 GT)
4	Arthur César de Araújo Ituassu Filho	PUC-RJ	2 (1 GP, 1 AC)
5	Rudimar Baldissera	UFRGS	2 (1 LP, 1 GP)
6	Maria Helena Weber	UFRGS	2 (1 LP, 1 GP)
7	Murilo César Oliveira Ramos	UnB	2 (1 LP, 1 GP)
8	Paulo Roberto Figueira Leal	UFJF	2 (1 LP, 1 GP)
9	Luiz Antonio Signates Freitas	UFG	2 (1 LP, 1 GP)
10	Victor Israel Gentilli	UFES	2 (1 LP, 1 GP)

Fonte: Dados coletados e sistematizados na pesquisa.

Source: Data collected and systematized in the research project.

Legenda: LP (Linha de Pesquisa de PPG); GP (Grupo de Pesquisa do CNPq); GT (Grupo de Trabalho em Eventos Científicos); AC (Associação Científica).

Esses pesquisadores se configuram no mapeamento da subárea como representantes políticos dos grupos ao se colocarem em posições de destaque e liderança, encabeçando espaços importantes de formação e pesquisa. Em sua maioria são pesquisadores experientes, com ampla trajetória na área, como César Bolaños, Rudimar Baldissera,

Maria Helena Weber e Murilo Ramos; também encontramos uma nova geração de recém-doutores, representada por Francisco Jamil Marques, que já começa a assumir alguns postos da subárea de Comunicação e Política.

Além dos pesquisadores, é importante citarmos também as principais obras referenciadas no GT, no Quadro 3.

²¹ Consideramos participantes do GT os pesquisadores que publicaram pelo menos um trabalho no GT no período pesquisado (2006-2015).

²² Há um quinto brasileiro na lista, Mauro Porto, contudo, não é participante do GT.

²³ Atualmente, o pesquisador atua na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Quadro 3. Textos mais populares dos autores mais referenciados no GT Comunicação e Política da Compós (2006-2015)

Table 3. Most popular texts of the most referenced authors in the Working Group on Communication and Politics of Compós (2006-2015)

Nº	Texto	Autor	Frequência das referências	É de um membro do GT
1	<i>Transformações da política na era da comunicação de massa</i>	GOMES, Wilson	19	Sim
2	<i>Comparing media systems: three models of media and politics</i>	HALLIN, Daniel C.	7	Não
3	<i>O poder simbólico</i>	BOURDIEU, Pierre	6	Não
4	<i>Comunicação e democracia: problemas e perspectivas</i>	GOMES, Wilson & MAIA, Rousiley	6	Sim
5	<i>La distinction: critique sociale du jugement</i>	BOURDIEU, Pierre	5	Não
6	<i>Direito e democracia: entre a facticidade e a validade</i>	HABERMAS, Jürgen	5	Não
7	<i>Mudança estrutural da esfera pública</i>	HABERMAS, Jürgen	5	Não
8	<i>Political Communication in Media Society – does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research</i>	HABERMAS, Jürgen	5	Não
9	<i>Digital Divide: Civic Engagement, Information Poverty, and the Internet Worldwide</i>	NORRIS, Pippa	5	Não
10	<i>Enquadramento da mídia e política</i>	PORTO, Mauro	5	Não
11	<i>Inclusion and democracy</i>	YOUNG, Iris	5	Não

Fonte: Dados coletados e sistematizados na pesquisa.

Source: Data collected and systematized in the research project.

É interessante perceber a liderança de obras brasileiras entre as mais referenciadas no GT. Por outro lado, também encontramos referências clássicas não só na subárea de Comunicação e Política, mas na área de Comunicação como um todo, como as obras de Habermas e Bourdieu.

3.3 Temas e conceitos

A partir do terceiro eixo, que busca avaliar os temas/conceitos presentes nos dois eixos anteriores, realizamos um mapeamento das palavras-chave mais recorrentes nessa subárea tanto nos trabalhos apresentados no GT Comu-

nicação e Política da Compós quanto no levantamento do quadro institucional.

No levantamento bibliométrico, processamos as palavras-chave citadas pelos autores²⁴ nos 99 artigos do GT da Compós, e as mais frequentes estão listadas no Quadro 4. É relevante citar que não houve agrupamento de palavras semelhantes (por exemplo, jornalismo e jornalismo *online*), sendo apresentada, no quadro, apenas a frequência simples das palavras.

²⁴ Referimo-nos, aqui, às palavras-chave que os próprios autores destacam em seus textos e que, no modelo de submissão de trabalhos à Compós, aparecem logo após o Resumo. Portanto, o quadro de frequências diz respeito a quantas vezes cada palavra ou termo foi destacado como uma palavra-chave entre os 99 textos que compõem nosso *corpus* desta etapa.

Quadro 4. Palavras-chave mais recorrentes nos artigos do GT Comunicação e Política da Compós (2006-2015)

Table 4. Most recurrent keywords in papers of the Working Group on Communication and Politics of Compós (2006-2015)

Nº	Palavra-chave	Frequência	Categoria
1	Internet	13	Meio
2	Jornalismo	9	Meio
3	Democracia	7	Conceito
4	Representação política	5	Conceito
5	Deliberação	4	Conceito
6	Eleições	4	Tema
7	Reconhecimento	4	Conceito
8	Aborto	3	Tema
9	Brasil	3	Tema
10	Campanhas online	3	Tema
11	Cidadania	3	Conceito
12	Esfera pública	3	Conceito
13	Twitter	3	Meio
14	Representação	3	Conceito

Fonte: Dados coletados e sistematizados na pesquisa.

Source: Data collected and systematized in the research project.

A primeira observação a se fazer deste quadro é a pulverização das palavras-chave – o que indica uma forte dispersão das pesquisas e/ou a inconsistência das palavras-chave enquanto indicadoras dos conteúdos efetivamente pesquisados. Este aspecto está sendo considerado pelo grupo, e deveremos aprimorar o mecanismo de busca e análise, por meio da utilização de softwares de análise qualitativa (como o NVivo), capazes de mapear as palavras e termos mais recorrentes em um texto, fornecendo-nos, assim, mais segurança e aproximação com conteúdo geral e os conceitos utilizados nos trabalhos. Acreditamos que esse tipo de levantamento pode se mostrar mais eficaz, apurado e potente que o que foi utilizado neste estudo-piloto.

Não obstante, e como exercício de leitura, buscamos identificar alguns resultados fornecidos por esse quadro embrionário, tentando mapear, ao menos, algumas tendências da área em questão. Por mais dispersão que encontremos na frequência simples das palavras, ao buscarmos outras palavras que se correlacionam a essa primeira lista, é possível perceber algumas pistas da configuração temática e conceitual do grupo, sobretudo se compararmos as palavras-chave mais frequentes com os autores de referência apresentados anteriormente.

Diante dessas 14 palavras-chave, classificamos os termos em três grupos: temas, conceitos e meios. No primeiro grupo, temas, encontramos as palavras “Brasil”; “aborto”; “eleições” e “campanhas *online*”. Destacamos a pouca relevância da palavra “Brasil”, ao descrever os artigos. Normalmente, ela serve para identificar pesquisas sobre eventos do país ou quando a pesquisa é comparada a outro espaço geográfico. Já o termo “aborto”, além de outras expressões como “Marcha das Vadias” e “gênero”, demonstra certa preocupação com as questões de gênero, particularmente, com o lugar da mulher nas discussões em comunicação e política – um tema central no contexto contemporâneo.

As duas outras palavras que compõem esse grupo – “eleições” e “campanhas *online*” – é que, de fato, indicam uma possível temática central investigada nesse GT. Em diferentes esferas (Executivo e Legislativo) e em contexto nacional ou regional, as eleições figuram como objeto privilegiado de análise no universo pesquisado.

No segundo grupo (conceitos), identificamos o seguinte resultado: “democracia”; “deliberação”; “esfera pública”; “reconhecimento”; “representação”; “representação política”; “cidadania”. O conceito de democracia é o mais citado, mas com uma frequência baixa em relação à tota-

lidade do universo pesquisado, estando presente em apenas sete textos. Contudo, outras palavras-chave correlatas ajudam a configurar a noção de democracia como uma das constituidoras da subárea de Comunicação e Política a partir do GT da Compós. A relação entre Internet e democracia aparece em três expressões distintas e revela certa importância dessa discussão no GT analisado: “democracia digital”, “Internet e democracia”, “e-democracia”. Outras palavras-chave encontradas foram “democracia e globalização”, “democracia participativa”, “democracia representativa” e “mídia e democracia”.

O conceito de deliberação aparece literalmente em quatro textos, mas pode ser conectado a outros termos, como “sistema deliberativo”, “deliberação pública”, “debate público”, “deliberação *online*”. Em dois textos, emerge a expressão “democracia deliberativa”, que conecta as duas palavras-chave elencadas acima. Por fim, uma vez aparece o termo “teoria habermasiana” – o que pode indicar tanto reflexões acerca da democracia como da deliberação (ainda que possa sugerir outros conceitos, como o de esfera pública, que também integra o leque conceitual do GT).

A noção de esfera pública está associada a outras correlatas, tais como “opinião pública”, “esfera pública política”, “esfera pública virtual”. Esses conceitos apontam para um campo teórico consolidado nos estudos em Comunicação, que têm como uma referência central a reflexão de Habermas acerca da mudança estrutural da esfera pública. A herança da Teoria Crítica desenvolvida pela Escola de Frankfurt emerge, assim, como um campo teórico relevante nessa subárea.

Também filiada a essa perspectiva de Frankfurt – em sua nova geração – está outro conceito que se destaca no universo pesquisado: o de “reconhecimento”. Além desta, aparecem palavras correlatas, como “reconhecimento social” e “redistribuição e reconhecimento”, configurando outro eixo conceitual importante no grupo analisado²⁵.

Outro conceito recorrente é o de “representação” (com três aparições), usado para se referir à “representação política” – que aparece cinco vezes no *corpus* total. Completando o leque de conceitos desse grupo está o de “cidadania”, que aparece três vezes no material analisado. E, dentre os demais termos listados, não há nenhum outro que possamos associar diretamente com “cidadania”.

Por fim, no terceiro grupo de palavras-chave (meios), os termos mais frequentes são “Internet”, “jornalismo” e “Twitter”. Percebemos que a Internet é bastante ana-

lisada no GT, constituindo-se como objeto central nas discussões da subárea. Essas palavras estão associadas a outras (como “democracia” e “política”) ou representadas por redes sociais (“Facebook”, “Twitter”, “Orkut”). Outro meio, o jornalismo, aparece junto de várias outras palavras formando uma segunda esfera relevante para as pesquisas em Comunicação e Política. Surgem os tipos (“jornalismo político”, “jornalismo partidário”, “jornalismo investigativo”, “jornalismo impresso”), meios específicos (“jornal nacional”, “revista Veja”) e até conceitos técnicos usados na pesquisa sobre o meio (“critérios de noticiabilidade”, “imparcialidade” e “objetividade”).

Em síntese, com a análise das palavras-chave apresentadas pelos autores do GT, percebemos uma predominância dos meios Internet e jornalismo como os mais estudados. Entre os conceitos mais utilizados nesses dez anos de análise incluímos “democracia”, “deliberação”, “representação política” e “esfera pública”. Por fim, nas temáticas, as palavras-chave são menos indicativas de uma coesão, o que diz de uma diversidade maior, com exceção de “eleições”, um tema que se destacou no *corpus*.

Na vertente institucional, também encontramos palavras-chave que revelam os principais temas, conceitos e meios abordados nos estudos de Comunicação e Política. Consideramos as palavras-chave dos títulos e ementas das linhas de pesquisa dos PPGs; dos nomes e ementas dos grupos de pesquisa em eventos científicos; e dos nomes e linhas de pesquisa dos grupos do CNPq.

Assim como no levantamento bibliométrico, encontramos a recorrência dos conceitos de “representação” (12 vezes), “democracia” (7) e “cidadania” (13), além da “Internet” (5) e do “jornalismo” (3) como meios mais estudados. Encontramos, porém, uma certa diversidade neste último levantamento com relação ao GT da Compós, dando a ver outros campos teóricos da subárea de Comunicação e Política, como os estudos de economia política da comunicação, cultura e identidade, instituições e estratégias de comunicação, discurso e poder, entre outras, para além dos estudos de democracia, deliberação e política. Do ponto de vista temático, emerge também o interesse pelas políticas de comunicação (18) e os direitos humanos (6).

4 Balanço dos primeiros passos e próximos desafios

Certamente, constitui-se um desafio mapear o cenário contemporâneo das Teorias da Comunicação frente à dinâmica própria da área e nossa inserção nesse processo. No primeiro exercício realizado com a subárea de Comunicação e Política, buscamos definir como seria o passo a passo dessa jornada, para onde e como voltar o nosso olhar e organizar os dados. Por vezes, avançamos e retrocedemos, com o objetivo de chegar a parâmetros de base quantitativa

25 É importante destacar que não é objetivo desta pesquisa analisar o uso/interpretação dos conceitos por parte de diferentes estudos em específico (supondo, inclusive, que haja interpretações diferentes, apropriações críticas, etc.), mas chegar aos autores e campos teóricos fundadores em geral. Como registramos inicialmente, nosso objetivo é identificar as “escolas” (campos teóricos) de referência – se novas escolas surgiram, se são as antigas que estão sendo revisitadas.

va que nos possibilitassem uma leitura qualitativa, que é o mais importante nesse mapeamento.

Sabemos que cada área temática poderá nos demandar novas decisões metodológicas, mas preferimos partir de uma subárea que nos parece mais consolidada, a fim de estabelecer algumas orientações para as buscas e montagem dos bancos de dados. Já estamos iniciando os levantamentos de duas outras áreas temáticas, objetivando, ao final do processo, alcançar o mapeamento da área de Comunicação como um todo e poder entender melhor o papel das subáreas na composição dos campos teóricos que atualmente orientam os estudos comunicacionais. Ou ainda compreender com que perspectivas de comunicação essas subáreas trabalham e, portanto, se inserem e se sustentam no escopo da área de Comunicação. Isso será melhor percebido também quando iniciarmos as análises cruzadas com o estudo da contribuição teórica dos pesquisadores PQ, ao qual os parceiros da UFPA estão se dedicando.

Com este texto, buscamos sistematizar os passos até aqui percorridos e compartilhar com a comunidade acadêmica os primeiros indicativos que o estudo-piloto nos revelou. Damo-nos conta dos limites dos recortes estabelecidos (por exemplo, centrar na produção dos GTs da Compós); eles foram necessários, no entanto, dada a impossibilidade de apanhar o conjunto da produção acadêmica da área no Brasil. Este recorte traz um viés; outros trariam igualmente. Nesse momento da pesquisa, é de grande valor a contribuição dos colegas para críticas e sugestões. Nos encontros de que temos participado, o diálogo com a comunidade tem nos apontado novos desafios e alguns ajustes necessários. O caminho pela frente ainda é longo, mas extremamente instigante.

Referências

- BRAGA, J.L. 2010. Análise performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: J.L. BRAGA; M.I.V. LOPES; L.C. MARTINO (org.), *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo, Paulus / Compós, p. 403-423.
- BRAGA, J. L. 2011. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, 1(58):62-77.
- ECO, U. 2008. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva.
- FRANÇA, V.V.; SIMÕES, P.G. 2016. *Curso Básico de Teorias da Comunicação*. Belo Horizonte, Autêntica.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. (org.). 2001. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas, tendências*. Petrópolis, Vozes.
- MALCHER, M.A.; LOPES, S.L.; MIRANDA, F.C. 2015. Circulação das discussões teóricas e epistemológicas da comunicação no norte do Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXIV, Brasília, 2015. *Anais... 1*: 1-19.
- MARTINO, L.C. 2010. Panorama da pesquisa empírica em Comunicação. In: J.L. BRAGA; M.I.V. LOPES; L.C. MARTINO (org.), *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo, Paulus / Compós, p. 135-160.
- MARTINO, L.M.S. 2014. Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXIII, Belém, 2014. *Anais... 1*: 1-15.
- MARTINO, L.M.S. 2009. *Teoria da Comunicação: ideias, escolas e métodos*. Petrópolis, Vozes.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. 1999. *História das teorias da comunicação*. São Paulo, Loyola.
- MORAGAS SPA, M. 1981. *Teorías de la comunicación*. Barcelona, Gustavo Gili.
- NAVARRO, R.F. 2007. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México. *Revista Matrizes*, 1(1):165-77.
- WOLF, M. 2003. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo, Martins Fontes.

Artigo submetido em 30-07-2016

Aceito em 26-01-2017